

METALITERATURA E ESTRANHAMENTO EM O MATADOR, DE PATRÍCIA MELO

Ana Paula Almeida Mendes*

Altamir Botoso**

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise do romance *O matador*, de Patrícia Melo, publicado em 1995, enfocando o livro que aparece dentro da trama romanesca. Em determinada sequência da obra, o narrador, que também é a principal personagem, elabora um livro registrando os assassinatos que comete. O material elaborado por ele é feito a partir de um álbum de retratos para bebês. O que se pretende é observar a peculiaridade nessa criação, tomando como apoio o texto sobre o efeito do *estranhamento*, teorizado por Chklóvski (1970), no ensaio “A arte como procedimento”. A análise foi baseada em estudos concebidos por Aristóteles (2008), Barthes (2007), Todorov (2006), Coli (1995), Ramos (2019). Assim sendo, traçamos um diálogo entre teoria e texto literário com o objetivo de destacar a presença do referido efeito na obra literária selecionada para este estudo.

Palavras-chave: Meta-romance, Autoria feminina, Literatura brasileira, Estranhamento.

* Ana Paula Almeida Mendes é Mestranda no programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5814-386>. E-mail: apam1021@gmail.com.

** Altamir Botoso é Doutor em Letras na área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Unesp, campus de Assis-SP. Docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>. e-mail: abotoso@uol.com.br

METALITERATURE AND ESTRANGEMENT IN *O MATADOR*, BY PATRÍCIA MELO

ABSTRACT:

This article proposes an analysis of the novel *O matador*, by Patrícia Melo, published in 1995, focusing on the book that is created in the novelistic plot. In a certain time of the story, the narrator, who is also the main character, creates a book recording the murders he commits. The material elaborated by him is made from a baby portrait album. The aim of the work is to observe the peculiarity of this creation, taking as support the text on the effect of estrangement, theorized by Chklóvski (1970), in the essay “Art as procedure”. The analysis was based in studies designed by Aristóteles (2008), Barthes (2007), Todorov (2006), Coli (1995), Ramos (2019). Therefore, we draw a dialogue between theory and literary text with the aim of highlighting the presence of that effect in the literary work selected for this study.

Keywords: Meta-novel, Female authorship, Brazilian literature, Estrangement.

METANOVELA Y EXTRAÑAMIENTO EN *O MATADOR*, DE PATRÍCIA MELO

RESUMEN

Este artículo propone un análisis de la novela *O matador*, de Patrícia Melo, publicada em 1995, centrándose en el libro que aparece dentro de la trama novelesca. En una determinada secuencia de la obra, el narrador, que también es el personaje principal, crea un libro que registra los asesinatos que comete. El material creado por él está elaborado a partir de un álbum de fotografías para bebés. Lo que se pretende es observar la peculiaridad de esta creación, tomando como apoyo el texto sobre el efecto del extrañamiento, teorizado por Chklóvski (1970), en el ensayo “El arte como procedimiento”. El análisis se basó en estudios propuestos por Aristóteles (2008), Barthes (2007), Todorov (2006), Coli (1995), Ramos (2019). Por ello, trazamos un diálogo entre teoría y texto literario con el objetivo de resaltar la presencia de ese efecto en la obra literaria seleccionada para este estudio.

Palabras clave: Metanovela, Autoría femenina, Literatura brasileña, Extrañamiento.

INTRODUÇÃO

Nas ficções publicadas nos últimos anos do século XX até os dias atuais é bastante comum nos depararmos com obras que se voltam sobre si mesmas, em um processo de desnudamento dos meandros de sua construção. Levando-se em conta as características específicas desse tipo de texto, percebemos que a ficção ganhou novos contornos, problematizou os conteúdos romanescos e abriu caminhos para discussões e interpretações a respeito do fazer literário.

Esse processo da literatura de indagar-se sobre si mesma passou por algumas fases, conforme pontua o semiólogo francês Roland Barthes (2007, p. 28):

Eis quais foram, grosso modo, as fases desse desenvolvimento: primeiramente uma consciência artesanal da fabricação literária, levada até o escrúpulo doloroso, ao tormento do impossível (Flaubert); depois, a vontade heróica de confundir numa mesma substância escrita a literatura e o pensamento da literatura (Mallarmé); depois, a esperança de chegar a escapar da tautologia literária, deixando sempre, por assim dizer, a literatura para o dia seguinte, declarando longamente que se vai escrever, e fazendo dessa declaração a própria literatura (Proust); em seguida, o processo da boa-fé literária multiplicando voluntariamente, sistematicamente, até o infinito, os sentidos da palavra-objeto sem nunca se deter num significado unívoco (surrealismo); inversamente, afinal, rarefazendo esses sentidos a ponto de esperar obter um estar-ali da linguagem literária, uma espécie de brancura da escritura (mas não uma inocência): penso aqui na obra de Robbe-Grillet.

As fases assinaladas por Barthes desvelam que a preocupação a respeito do fazer literário tornou-se algo bastante relevante na escrita de autores renomados, como Gustave Flaubert (1821-1880), Stéphane Mallarmé (1842-1898), Marcel Proust (1871-1922), Alain Robbe-Grillet (1922-2008). Dessa maneira, vislumbra-se que a literatura, ao longo dos séculos, buscou sempre revitalizar-se e renovar-se. Assim, nas suas diversas formas de manifestação – romance, conto, novela e teatro – verificamos essa revitalização e renovação pela capacidade que ela possui de voltar-se sobre si mesma, autorrefletir-se, espelhar-se, e isso pode ser constatado também no romance *O matador*, de Patrícia Melo¹.

A criação de textos literários, com seus diversos temas e a maneira peculiar de manipular a palavra, possibilita um determinado efeito, provoca e instiga o interesse de leitores ao longo do tempo. Analisando o resultado dessas interações entre o texto e o seu receptor, muitos estudiosos elaboraram teorias que, até os dias atuais, são válidas e servem de base para a crítica literária. O estranhamento é uma dessas concepções que foi discutida no texto de Chklóvski, denominado “A arte como procedimento”, do

1 Nasceu em 02/10/1962, em Assis, São Paulo. Escritora de literatura policial brasileira, conhecida por seus livros dedicados a analisar a mente de criminosos. Em 2001, ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura por seu trabalho em *Inferno*. No mesmo ano, havia iniciado no teatro trabalhos com a peça *Duas mulheres e um cadáver*. Voltaria ao teatro em 2003, com a peça *A caixa*. Na televisão, tem dois trabalhos: a minissérie *Colônia Cecília*, que foi ao ar em 1989 na Rede Bandeirantes e *A banqueira do povo*, produção portuguesa exibida em 1993. No cinema, ficou conhecida por adaptar o livro *Bufo & Spallanzani*, de Rubem Fonseca para o cinema. Curiosamente, Rubem Fonseca seria responsável por adaptar seu romance *O matador* para o cinema em 2003, intitulado como *O homem do ano*. Livros publicados: *Acqua toffana* (1994), *O matador* (1995), *O elogio da mentira* (1998), *Inferno* (2001), *Valsa negra* (2003), *Mundo perdido* (2006), *Jonas, o copromanta* (2008), *Ladrão de Cadáveres* (2010), *Escrevendo no Escuro* (2011), *Fogo-fátuo* (2014), *Gog Magog* (2017), *Mulheres empilhadas* (2019), *Menos que um* (2022). *BIOGRAFIA* – Patrícia Melo. *Tiro de Letra*. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/biografia/PatriciaMelo.htm>. Acesso em: 02 set. 2023.

início do século XX, e pode ser abordada para analisar o efeito que alguns escritores dão ao seu texto, enriquecendo a sua interpretação, exigindo, assim, um leitor mais atento e que se aprofunde no texto ficcional, para alcançar os seus sentidos e significados que, nem sempre, ou melhor, nunca se encontram na sua superfície, demandando um mergulho e uma atenção redobrada na sua leitura.

O que se analisa, neste artigo, é uma passagem da obra denominada *O matador*, de Patrícia Melo, em que o protagonista elabora um livro. Tal passagem pode ser considerada como uma narrativa de encaixe.

Mas qual é a significação interna do encaixe, por que todos esses meios se encontram reunidos para lhe dar importância? A estrutura da narrativa nos fornece a resposta: o encaixe é uma explicitação da propriedade mais profunda de toda narrativa. Pois a narrativa encaixante é a narrativa de uma narrativa. Contando a história de uma outra narrativa, a primeira atinge seu tema essencial e, ao mesmo tempo, se reflete nessa imagem de si mesma; a narrativa encaixada é ao mesmo tempo a imagem dessa grande narrativa abstrata da qual todas as outras são apenas partes ínfimas, e da narrativa encaixante, que a precede diretamente. Ser a narrativa de uma narrativa é o destino de toda narrativa que se realiza através do encaixe. (Todorov, 2006, p. 126)

Dessa maneira, é possível afirmar que há uma narrativa dentro de outra narrativa em *O matador*. Um fato que deve ser destacado é que a produção desse livro tem sua especificidade justamente no elemento inusitado que se configura em seu enredo, visto que ele é feito a partir de um álbum de bebê. Seu conteúdo, entretanto, relata horror e morte. Nesse sentido, a finalidade inicial do objeto álbum de bebê é desconstruída durante sua real elaboração no texto ficcional de Patrícia Melo. A autora, dentro da sua ficção, cria uma personagem-autora cuja obra nos provoca um certo “estranhamento” e até nos choca, pois não se espera que, em um espaço reservado para imagens da infância de uma criança, nos deparemos com violência e morte.

A HISTÓRIA DENTRO DA HISTÓRIA: A PERSONAGEM AUTORA E SEU LIVRO

O romance *O matador* trata da história de um jovem, chamado Máiquel, que vive em um bairro do subúrbio de São Paulo. A vida do rapaz muda radicalmente quando ele tem que pagar uma aposta, após seu time favorito de futebol, o São Paulo, perder uma partida para o Palmeiras². A aposta era que o perdedor deveria pintar os cabelos de castanho-aloirado.

A partir dessa mudança radical no visual, a vida do protagonista e narrador da história também muda. Quando ele aparece, diante dos amigos, com sua nova aparência, sente-se ridicularizado por uma outra personagem, Suel, que acha graça no fato de Máiquel ter levado aquela aposta tola a sério e realmente mudado a cor dos seus cabelos. O jovem, que estava com a nova namorada, se sente ofendido com esse tratamento e o desafia para um duelo.

2 Tanto o Palmeiras, como o São Paulo são times de futebol rivais da cidade de São Paulo - Brasil.

No dia marcado, já arrependido de ter firmado esse compromisso, Máiquel mata Suel com dois tiros e se vê obrigado a fugir para não ser preso. Entretanto, o que ele não esperava era a repercussão que o caso ganharia, visto que o jovem morto era uma *persona non grata* na comunidade onde viviam. Sua morte foi celebrada por alguns, porque ajudou a resolver um problema. Uma das poucas pessoas que se comoveram com a morte de Suel foi Érica, que era namorada do rapaz assassinado.

Tudo isso acontece na vida de Máiquel ao mesmo tempo em que ele conhece uma jovem chamada Cledir, que trabalhava como vendedora em uma grande loja de departamentos de São Paulo. De acordo com o narrador, Cledir era uma boa moça, ideal para namorar e casar. E foi justamente nesse primeiro encontro com a nova namorada que ocorreu o confronto com Suel, que resultou no embate entre ambos. Conforme declara o próprio Máiquel, “até isso acontecer, eu era apenas um garoto que vendia carros usados e torcia para o São Paulo Futebol Clube” (Melo, 2008, p. 16)

Após matar Suel, o jovem fica atordoado e a nova namorada o ajuda a fugir da polícia. A letargia que invade Máiquel, momentaneamente é interrompida pela ação de Cledir, que o força a agir, a fim de se safar do crime praticado:

Eu não conseguia mover os meus pés, Suel estendido no chão, a namorada beijando o cadáver, chorando, o Tonhão na porta do bar, os carros, os ônibus, tudo diminuindo a velocidade para ver a cena do crime. O jornal exposto na banca da esquina, presa a quadrilha que assaltava carros blindados. Fuja, dizia Cledir. Chame a polícia, eu vou me entregar. Some daqui, saia da cidade. Acho que foi Cledir que me enfiou num táxi. (Melo, 2008, p. 18)

Essa preocupação em escapar, no entanto, torna-se desnecessária, visto que Máiquel passa a ser estimado por todos, porque ajudou a “livrar” a comunidade de um sujeito que a amedrontava. Então, ele se surpreende com a maneira como as pessoas começam a tratá-lo:

O PM caminhava na minha direção, era realmente um PM, roupas, botas, armas de PM, e Gonzaga falou bem alto, olhando para o policial, foi ele, foi ele mesmo quem matou Suel. Fiquei cego, por um instante, esse Gonzaga é um filho da puta, um imbecil completo e minhas pernas não respondiam, e antes destas frases se formarem na minha cabeça, antes de eu pensar que o Gonzaga era um imbecil, o PM já estava dando um tapinha nas minhas costas e dizendo que admirava os homens corajosos. (Melo, 2008, p. 20)

Logo depois desses acontecimentos, Máiquel relata que começa a sofrer de uma terrível dor de dentes. E é justamente durante uma visita ao dentista que o pontapé inicial, para a sua transformação em um célebre matador, é dado, uma vez que ele inicia sua nova carreira, eliminando pessoas que causavam qualquer problema para outra nas redondezas de onde residia.

O Dr. Carvalho é um dentista que vive na comunidade e manca de uma perna por ter levado um tiro no joelho e ele tem um desafeto a quem deseja morto. Máiquel tinha muitos dentes estragados e não tinha dinheiro para pagar o longo e caro tratamento. Esse é o cenário para que se estabeleça um acordo entre ambos. Dr. Carvalho propõe a troca de “serviços”. O tratamento nos dentes sairia em troca de Máiquel matar o inimigo do dentista. Assim, começa a carreira de matador do protagonista.

A partir daí, paralelamente às mortes encomendadas, Máiquel se vê em um triângulo amoroso com Cledir - a quem ele, futuramente, mata e esconde o corpo - e com Érica, antiga namorada de Suel. Com a primeira, ele casa e tem uma filha, chamada Samanta. Érica, por sua vez, entra na vida do protagonista exigindo que ele a sustente, como uma forma de reparação por ter assassinado seu namorado, com quem ela morava. Ela passa, então, a morar na casa de Máiquel e eles se apaixonam.

Simultaneamente aos intensos acontecimentos em sua vida pessoal, Máiquel ascende na profissão. Isso ocorre quando ele é apresentado a alguns amigos do Dr. Carvalho, que também têm questões não resolvidas, as quais Máiquel é designado para solucionar. A carreira de matador, assim como a fama de homem corajoso, ganha destaque na comunidade onde vive. Ele passa de um rapaz pobre e ignorante a um homem temido e respeitado.

Com o desejo de prestar contas de seu trabalho aos contratantes, Máiquel organiza um livro. Para isso, ele adquire um álbum de retratos, e compra um álbum de bebê. Entretanto, ele não aprecia a decoração do objeto e decide apagar tudo o que fazia referência aos pequenos. O protagonista elabora seu livro de registro profissional, inserindo informações sobre as pessoas que mata, de maneira a demonstrar sua produtividade e prestar contas aos seus empregadores.

Com essa singular seriedade profissional, a fama de Máiquel cresce a cada dia. Ele consegue se estabelecer financeiramente, passa a viver com Érica e sua filha em um apartamento confortável e bem localizado, após matar e enterrar Cledir. Além disso, é indicado para receber o prêmio de “cidadão do ano”, num evento da comunidade.

Esse período de sucesso e de felicidade é interrompido, quando o corpo de Cledir, que foi enterrado no quintal da casa de um amigo de Máiquel, é encontrado. O fulcro dos problemas, que dão início à decadência da carreira do matador, ocorre quando ele tira a vida de um jovem inocente por engano. Esse assassinato comove toda a comunidade e o prestígio de Máiquel, a partir de então, entra em declínio. Ele não consegue compreender a nova situação que precisa enfrentar e deseja restabelecer o equilíbrio vivido até recentemente:

De qualquer forma, eu ainda não tinha entendido isso, eu estava muito confuso, eu ainda me sentia do lado de lá, alguma coisa me empurrava para o lado de cá, eles, mas eu devia resistir, empurrar, para lá, força, reconciliar, era isso que eu queria, voltar para o meu lar, lá, junto com eles, que me empurravam para cá. (Melo, 2008, p. 169)

Aqueles que anteriormente o apoiavam, contratavam seus serviços e, de certa maneira, eram modelos sociais para o matador, agora estavam contra ele, contra o cidadão do ano. Dessa forma, ele se torna uma pessoa procurada pela polícia, ignorada pelos seus pretensos amigos termina sem a namorada, sem a filha, sem o trabalho e, pior, sem rumo.

No romance, evidencia-se uma problemática constante dos dias atuais, que é recriada pela ficção, na qual a violência se torna frequente e o embate entre vítimas e agressores desvela uma gangorra, em que a situação de equilíbrio nunca permanece e os conflitos persistem, tornam-se perenes e fazem com

que, cada vez mais, os crimes, as mortes, a solidão e o desamparo que atingem as personagens sejam condições que se perpetuam no universo ficcional e se configuram como insolúveis.

O ESTRANHAMENTO

Quando lemos uma notícia de jornal, vemos fotos de propagandas dos produtos que usamos no dia a dia, ouvimos uma notícia na rádio dando conta de algum acontecimento do cotidiano, compreendemos o que está sendo dito naquele contexto, sem fazer grande esforço para isso. A linguagem ali empregada, e entendemos por linguagem também a imagem escolhida para ser exibida nos textos essencialmente visuais, não nos causa inquietação. Esse entendimento ocorre de maneira tão natural, que chega ao ponto de ser automático.

Ao lermos uma notícia jornalística, normalmente, fazemos isso de maneira natural; fazemos essa leitura buscando os elementos que estão previamente indicados no título da matéria. Assim, se estamos em contato com um texto sobre o aumento do combustível, por exemplo, de antemão sabemos que ali serão citados os valores antigos e novos, os percentuais que foram usados para a mudança no preço, a data que o aumento vai entrar em vigor, e assim por diante. A imagem de uma propaganda de xampu provavelmente mostrará alguém com um belo cabelo e com promessas de um resultado semelhante, caso usemos o produto. Além de já antevermos o que encontraremos no texto, o assunto e a forma de expressá-lo não nos causa nenhuma surpresa.

Nenhum dos exemplos anteriormente citados poderia ser considerado como arte, pelo menos não da maneira como o senso comum a identifica. Não pretendemos entrar aqui na discussão sobre o que seria ou não arte, visto que são inúmeros os conceitos e, além disso,

[...] dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçamos-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única. (Coli, 1995, p. 7)

Diante do exposto, compreenderemos a arte como uma manifestação humana que provoca uma inquietação por ser elaborada com certa peculiaridade, que foge ao que é rotineiramente produzido. Ela pode ser representada em diversas formas, como, por exemplo, na pintura, na música, na literatura etc. No que tange ao texto literário, em *Poética*, essa peculiaridade já era defendida por Aristóteles quando ele afirma que

[...] a principal qualidade da elocução é ser clara, mas não banal. De facto, a que é composta de palavras correntes é muito clara, mas vulgar. [...] Em contrapartida, é excelente e evita a vulgaridade aquela que usa palavras estranhas. Por estranha entendo a palavra rara, a metáfora, a palavra alongada e tudo que for contra o que é corrente. (2008, p. 87)

Logo, um objeto para ser chamado de artístico deve, pelo menos, exigir do seu fruitor algum tipo de esforço para sua interpretação. Aquele que o deixa em sua zona de conforto, e não o instiga a refletir, não deve ser considerado propriamente arte. Não sendo assim, o contato com o material torna-se uma

simplificação que, por vezes, de tão mecânica, necessita meramente de um breve trecho ou fragmento para sua compreensão.

Em se tratando da relação leitor e texto literário, esse comportamento corriqueiro e automático “devora as coisas”, pois não provoca ou estimula uma leitura com reflexão, não exige a busca de uma possível interpretação. Ao não inquietar, torna-se simplesmente mais uma leitura entre tantas.

Essa peculiaridade, previamente observada por Aristóteles, também é defendida por Chklóvski, em seu texto “A arte como procedimento”, publicado em 1917, na revista *Estudos sobre Teoria da Linguagem Poética*³. Para esse estudioso russo, essa pausa reflexiva é fundamental na identificação do *estranhamento* ou *singularização*, efeitos que uma obra de arte tem o poder de provocar em seu contemplador. Seja em qualquer expressão artística, o incômodo na busca do entendimento, o desconforto provocado pela substituição do corriqueiro pelo diferente configura matéria-prima para uma produção que fuja do lugar comum.

É plausível entender que esse *estranhamento* – *ostranenie* – é justamente o contrário desse contato quase mecânico com o objeto artístico, que foi assinalado ao longo de nossas ponderações. Nesse caso, a ideia é

[...] dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato de percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado (Chklóvski, 1970, p. 45)

A partir dessa teoria, para Chklóvski, considera-se artístico aquilo que confronta, incomoda e leva o receptor à reflexão. Essa necessidade de reflexão vem de encontro ao esperado pelo leitor, pois ela o obriga a observar o que não está explícito de maneira a entender amplamente o que é proposto pelo texto que ele lê. É uma interação entre a arte e quem a contempla ou, em nosso caso especificamente, entre o texto literário e o seu leitor, que não é imediata, ao contrário, exige tempo e disposição.

Dessa maneira, um dos fatos que, sem sombra de dúvida, chamam a atenção do receptor do romance *O matador* é a construção de um texto dentro de outro texto, de uma obra dentro de outra, pelo emprego inusitado de um álbum que deveria ser destinado a fotografias infantis e passa a ser utilizado como um repositório de imagens e eventos relacionados a crimes praticados pela sua personagem central.

A CRIAÇÃO DO LIVRO “ESTRANHO”

A partir de nossas colocações e observações sobre o que seria arte e, também, do nosso entendimento do *estranhamento*, no advento do contato entre o material artístico e o seu receptor, procuraremos analisar um trecho do romance de Patrícia Melo, em que o protagonista, Máiquel, elabora um livro no qual pretende relatar seus feitos profissionais. A passagem transcrita a seguir relata o momento em

3 Em russo: Сборники по теории поэтического языка. Вып – tradução extraída do artigo *A arte como procedimento: 100 anos depois em memória de Svetlana Boym*, do professor Valteir Vaz, publicado na revista *RUS*, em 2018.

que o jovem matador decide comprar um álbum de retratos para produzir seu próprio livro, no qual serão coladas as fotografias e as notícias referentes aos assassinatos por ele mesmo praticados. Apesar da relativa extensão, resolvemos reproduzi-lo na íntegra, por se tratar de um momento crucial para a realização da análise proposta:

Meu bebê, estava escrito na capa. Não quero nada de meu bebê, meus primeiros passos, nada disso, eu quero um álbum simples, sem dourado, sem frescura. A vendedora mexeu mais um pouco nas prateleiras e me deu um de capa azul, minhas lembranças, este é o mais simples. Não era o ideal, mas mesmo assim eu o comprei.

Fui para casa, Cledir ainda não tinha chegado do Mappin, abri o armário da cozinha, peguei álcool e tirei os desenhos de flores que enfeitavam as laterais. Recortei a notícia: Jovem executado em Guarapiranga.

O corpo de Pedro dos Santos, vulgo Conan, foi descoberto por um morador da região, numa estreita estrada de terra conhecida por Itupu, na Zona Sul da cidade. Eu estava indo para o trabalho, dizia o jornal, achei que era um bêbado dormindo. Só quando cheguei bem perto é que vi. O cara estava mortinho da Silva.

Colei o recorte no meu álbum novo, e escrevi embaixo: Conan, ladrão de carros.

Eram sete horas. Eles deviam estar me esperando. (Melo, 2008, p. 93)

Com uma escrita dinâmica, quase jornalística, a autora dá ao seu texto uma cadência veloz que nos insere na caótica vida da personagem principal, que, ao se mover para lá e para cá na metrópole, vive intensas situações. É como se andássemos com Máiquel e pudéssemos testemunhar os fatos que ocorrem em seu dia a dia, numa cidade grande e violenta, numa sociedade cruel e hipócrita. Sem diálogos marcados com os costumeiros travessões, temos que, a partir da leitura, identificar quando estão sendo narrados os fatos ou as conversas entre as personagens.

O narrador, que também é a principal personagem, conta sua própria trajetória analisando e descrevendo os fatos que ocorrem em sua vida, suas relações interpessoais, suas frustrações e expectativas. Assim sendo, não podemos confiar totalmente em seus relatos, visto que os fatos estão tingidos com suas emoções, marcados por sua subjetividade. A narrativa ocorre em primeira pessoa, logo esse campo limitado em sua visão dos acontecimentos é base para considerações sobre uma provável e impossível imparcialidade por parte do narrador.

Construído por intermédio do discurso indireto, as falas das personagens são curtas e diretas, o que mostra, de certa maneira, seu caráter objetivo, como se observa no seguinte fragmento transcrito a seguir: “Eu estava indo para o trabalho, dizia o jornal, achei que era um bêbado dormindo. Só quando cheguei bem perto é que vi. O cara estava mortinho da Silva” (Melo, 2008, p. 93). Por meio do amálgama do discurso direto e do indireto, nota-se um empenho em transmitir agilidade e objetividade aos fatos narrados.

Máiquel recusa, a princípio, os álbuns que são oferecidos porque tinham decorações e pequenas frases que aludiam a bebês. Ele declara que desejava um objeto “sem frescura”. A vendedora, então, encontra um com o texto “minhas lembranças” e, sem ter outra opção, ele o adquire. O objetivo do rapaz é fazer o registro de seu trabalho, como uma forma de fornecer informações aos seus contratantes.

Registrar o seu trabalho em um livro dá, para ele, a percepção de uma atividade mais séria, mais profissional. A rotina de protocolar cada assassinato, de maneira a comprovar sua eficiência para os que o contrataram, é algo que lhe conferia certa importância. Como um profissional respeitado na comunidade, nada mais natural do que documentar os negócios para servir de comprovação para homens tão sérios e respeitados, que necessitavam de sua atividade profissional.

O ato de matar outra pessoa intencionalmente é um crime; é uma transgressão à lei. Na verdade, o comportamento natural de um assassino é procurar esconder o seu ato criminoso, porque, uma vez descoberto, deverá receber a punição prescrita na lei e poderá ser preso, condenado e afastado da família e da comunidade. Logo, registrar esses atos hediondos em um livro é algo inesperado. Assim, tomamos de espanto o fato de o criminoso querer protocolar os seus crimes. Por mais que fiquem claras as suas intenções de prestar contas aos seus empregadores, acreditamos que alguém que comete delitos não queira registrar seus atos, visto que estaria produzindo provas contra si. Máiquel, na contramão dessa ideia, não só produz o livro, como insere detalhes sobre as vítimas e anexa fotos dos assassinatos. Essa atitude, por si só, já causa estranheza, pois o que, antes, deveria estar escondido, agora surge devidamente fixado no álbum e serve como comprovação. Identificar as vítimas, expor as imagens de suas mortes e os motivos que os levaram até àquela situação é criar evidências. Naturalmente, um assassino não agiria assim. Ao contrário, apagaria provas, esconderia tudo aquilo que pudesse incriminá-lo.

Algo que também provoca um certo desconforto é o desvio da finalidade do livro adquirido pelo assassino. A peculiaridade na criação desse exemplar se dá no fato de ser elaborado a partir de um álbum de bebês. No senso comum, esse tipo de objeto é usado por famílias para registrar o nascimento e os primeiros momentos da vida de um recém-chegado ao mundo. São fotos e textos que, normalmente, transbordam a felicidade de ter um novo membro na família. E não somente isso, mas esses álbuns costumam ter uma sequência de fotos que testemunham o desenvolvimento da criança, as primeiras ações, como engatinhar, andar, comer etc. No livro do jovem, o perfil feliz é substituído por um aspecto macabro. Onde, anteriormente, via-se vida, agora se vê morte. Ou, onde se acompanhava o desenvolvimento de alguém, presencia-se o fim. Não é mais a vida em seu começo e exuberância que é mostrada, mas o seu final. E um final brutal e violento.

Aqueles que estão retratados nesse livro macabro não terão mais o direito de se desenvolver. Suas vidas congelaram ali, nas imagens coladas, nos rostos cujas feições demonstram a surpresa da hora da morte, na disposição bizarra dos corpos sem vida. Os relatos de suas histórias chegam ao fim nas notícias dos jornais, devidamente anexadas na produção de Máiquel. A identificação de cada uma dessas pessoas não ocorre mais pela emissão de uma certidão de nascimento ou de um documento de identidade, elas são determinadas pelos crimes que cometeram e pelos quais foram condenadas a se tornarem “personagens” do livro do protagonista de *O matador*. Agora, ao nome ou ao apelido de cada um deles, une-se o motivo de sua condenação precoce: “Conan, ladrão de carros” (Melo, 2008, p. 93).

Além de fotos e de identificações, cada personagem inserida ali naquele exemplar trazia também a notícia de sua morte. Cada uma dessas narrações, unidas umas às outras, elabora o texto do livro, configurando uma segunda narrativa ou narrativa de encaixe, conforme assevera Todorov (2006). Assim,

tendo como narradores inconscientes os jornalistas que escreveram as matérias, o texto é tecido de forma singular, como um emaranhado de várias vozes oriundas das páginas policiais dos jornais. Onde se espera ler “primeira papinha”, “primeira visita ao vovô e à vovó”, “primeiro banho de mar”, lê-se “estava mortinho da Silva” (Melo, 2008, p. 93), o que deixa patente o desvio da finalidade do uso do álbum e eterniza a violência, a morte e, em suma, os crimes praticados por Máiquel.

Quando ele, finalmente, apresenta seu livro para os contratantes, eles reagem com bastante naturalidade, apesar do perfil perverso que o material poderia suscitar. Aliás, a perversidade, a transgressão, a quebra de normas e dogmas arraigados têm sido uma temática recorrente e bastante fecunda na literatura:

Como inúmeros textos literários carregam em si um caráter transgressor no comportamento de suas personagens, nas situações que fundamentam suas fábulas ou mesmo no exercício das formas literárias, o estudo do perverso em literatura se justifica como produtivo, uma vez que a literatura trabalha com o domínio do desejo, da fantasia e o do gozo, próprios do humano. (Ramos, 2019, p. 21)

A presença desse caráter macabro e dessa perversidade (tanto por parte de Máiquel, quando por parte de seus contratantes) é, espontaneamente, aceita por todas as personagens que, a partir dos assassinatos cometido por Máiquel, têm seus problemas resolvidos. Não se percebe um constrangimento ou uma indignação por parte deles quanto ao conteúdo ali exposto. Ao contrário, suas falas demonstram satisfação: “Seis filhos-da-puta a menos, disse o fabricante de espuma, contando os cadáveres do álbum, oito, eu corrigi, tem dois que não estão aí, o Suel e o Ezequiel. Rimos” (Melo, 2008, p. 94). Apesar de duvidar, muitas vezes, de seu potencial, o narrador se mostra bastante confiante em ter agradado seus contratantes com o livro.

O álbum passou de mão em mão entre os interessados. Os grandes homens, os doutores, cuja reputação estava acima de qualquer suspeita, tiveram acesso aos registros dos serviços prestados, e postos no livro, mostrando-se muito satisfeitos. Afinal, aquelas pessoas mereceram o fim que tiveram, por perturbarem, de alguma maneira, a paz daquelas vidas burguesas. A violência, assim posta, justificava a violência. Ela era permitida, e até mesmo incentivada, porque estava longe deles. Suas mãos estavam limpas, diferente das mãos de Máiquel, que estavam sujas com o sangue daquelas pessoas. Porém, como os mortos não eram boas pessoas, de acordo com seus julgamentos extra tribunal, o ato de eliminá-las fazia com que Máiquel fosse naturalmente aceito naquele meio, como um justiceiro, que punia aqueles que mereciam ou causavam incômodo para pessoas importantes, pelo menos enquanto os seus serviços fossem discretos e úteis.

É interessante destacar, ainda, como o objeto “livro” guarda em si um certo prestígio. A história nos conta a importância desse item como um artefato usado por indivíduos letrados. O livro era e é reconhecido por conter os saberes da humanidade, saberes permitidos e até mesmo proibidos. Era, ainda, fonte de entretenimento, especialmente quando ainda não existiam outras maneiras de passar o tempo, como os aparelhos eletrônicos, tão comuns com a chegada da modernidade. Possuir livros já foi sinônimo de riqueza e de poder, se nos recordarmos das exuberantes bibliotecas pertencentes aos nobres. Atualmente, ele ainda se apresenta como fonte de conhecimento e oferece um certo *status* aos seus

possuidores. Numa proposta ainda mais moderna e incomum, o objeto livro é usado, até mesmo, para decoração de ambientes.

Ao ser elaborado por Máiquel, de maneira que pudesse ser empregado como documento de prestação de contas, e como imagem de profissionalização, percebe-se a relevância com a qual o livro foi historicamente marcado. Todavia, distintamente de autores convencionais, dos quais se espera um contato constante com outros textos, seja para inspirar seja para aprender com eles, o autor do livro em questão não era um leitor. Ele tinha consciência da sua ignorância e dos seus limites. Isso, porém, não o impediu de criar o seu próprio exemplar. Para aqueles homens importantes, aos quais ele precisava prestar contas e com quem ele sonhava se parecer, era preciso mostrar-se sério: “O advogado. O médico. O vereador. O funcionário público. O pediatra. O comerciante” (Melo, 2088, p. 156). Diante de tão ilustre clientela, avulta-se a figura do Matador, que se transforma em um agente que exerce a justiça com as próprias mãos, eliminando e resolvendo as situações conflituosas dos “pequenos burgueses” da comunidade.

Porém, apesar do aparente profissionalismo que a elaboração do livro trouxe e do prestígio alcançado ao longo das matanças, Máiquel considerava-se um jovem ignorante. Por várias vezes, impressionava-se com as coisas que Érica, sua amante e por quem ele era apaixonado, dizia ler nos livros e, também, no almanaque que ele lhe dera de presente. Ele não sabia muitas coisas e tinha plena consciência disso:

Você sabe o que é um camicaze?

Esse era o jeito de Érica me dominar, os almanaques que ela lia, os jornais, as reportagens na televisão, as viagens, os dicionários, os cursos de inglês por correspondência, as coisas que ela sabia, cantava, recitava, eu sempre me sentia um ignorante ao lado de Érica (Melo, 2008, p. 81)

Mesmo não sendo uma pessoa com muitos conhecimentos, ele tinha ambições, que iam desde ter um bom par de sapatos, até viver numa casa confortável. Máiquel estava constantemente admirando as posses do Dr. Carvalho. Ele almejava ser igual ao dentista, ter as coisas que o outro possuía, conforme se pode depreender do seguinte trecho transcrito a seguir:

Eu ficava olhando para a cara deles, fingindo que estava ouvindo, mas o que me interessava mesmo era ficar olhando a casa do dr. Carvalho. Gostava de cruzar as pernas e pensar que ela era minha, que eu vivia ali com Érica, que eu era dentista, oi, amor, como foi seu dia? Foi cansativo, as pessoas têm os dentes podres, olha só o seu uísque, esqueça tudo, coma pistache (Melo, 2008, p. 94)

A partir do momento em que a violência de Máiquel deixa de ser responsável por proporcionar uma melhor condição de vida para alguns e passa a ser alvo da indignação da sociedade, aqueles que, antes, apertavam as suas mãos, viraram-lhe as costas. Agora, a mão suja de sangue incomodava. Assim como Geni⁴ voltou a ser apedrejada após salvar a sua comunidade da ira do comandante do Zepelim, Máiquel voltou a ser somente mais um entre os demais, e, ainda pior, passou a ser o indesejado, quando seus serviços deixaram de ser úteis para salvar aquela comunidade.

4 Referência à letra da música Geni e o Zepelim, de autoria de Chico Buarque, escrita entre os anos de 1977 e 1978.

Paralelamente às questões interpretativas que o texto nos oferece, e tendo ciência de que cabem inúmeras outras interpretações, não podemos nos furtar em analisar a estrutura do trecho em si. Nele, temos algumas ações sucessivas, nas quais fatos e falas são apresentados sem uma introdução formal para cada um deles. Simplesmente separados por vírgulas ou pontos, eles se mesclam.

A percepção desses movimentos também se dá pela forma verbal de cada frase. As que são escritas com o tempo verbal no presente referem-se aos diálogos. Aquelas cujo tempo verbal remonta ao passado, compõem a descrição dos acontecimentos: “A vendedora *mexeu* mais um pouco nas prateleiras e me *deu* um de capa azul, minhas lembranças, este *é* o mais simples” (Melo, 2008, p. 93, grifos nossos).

Os dois primeiros verbos destacados estão no pretérito perfeito e são acontecimentos que estão ocorrendo enquanto Máiquel está comprando o livro. Já o terceiro verbo destacado, o verbo *ser*, está conjugado no presente do indicativo e descreve a fala da vendedora direcionada ao narrador, informando uma característica do objeto que ela tinha para vender. Essa parte da oração determina a fala dela em resposta ao desejo dele, declarado anteriormente: “[...] eu *quero* um álbum simples, sem dourado, sem frescura” (Melo, 2008, p. 93, grifo nosso). Mais uma vez, a fala do protagonista, que representa parte de um diálogo, é elaborada com um verbo, no caso o “querer”, no presente do indicativo.

Essa flutuação verbal entre o passado e o presente nos permite identificar, ao longo da leitura, a separação entre fato narrado e a conversação das personagens. A princípio, essa estrutura textual, diferente da tradicional, poderia causar desconfiância e até mesmo insegurança quanto ao entendimento do texto, especialmente para leitores inexperientes. Contudo, no decorrer da leitura, a variação torna-se natural e não exige esforço para a compreensão integral da narrativa. A sensação, que essa forma de elaborar o texto nos dá, é de que estamos diante de um narrador, ouvindo seus relatos, esperando que ele complete a história. Isso porque, por apresentar menos quantidade de pausas para estruturar as falas entre as personagens, a narrativa ganha uma cadência mais natural e torna-se mais próxima de uma fala propriamente dita.

Outra parte do fragmento que destaca a peculiaridade na confecção desse texto, é a maneira como a notícia, extraída do jornal e que foi colada no álbum, aparece. Dessa vez, o fato narrado e a fala da testemunha que encontrou o corpo estão ambas com seus verbos conjugados no passado: “Eu estava indo para o trabalho [...] achei que era um bêbado dormindo. Só quando cheguei bem perto é que vi. O cara estava mortinho da Silva” (Melo, 2008, p. 93). Por não se tratar de um diálogo que está sendo narrado por Máiquel, mas, sim, uma notícia que saiu nas páginas policiais de um jornal, relatando o acontecido, o uso do tempo verbal no passado é justificado. E, ainda assim, a “fala” da testemunha é facilmente compreendida. Isso porque, de antemão, a própria notícia nos informa que um morador da região havia descoberto o corpo, e nos prepara para seu testemunho. A variação dos fatos para a fala da testemunha, dentro do texto que Máiquel insere no seu livro, não traz confusão.

A questão do estranhamento acaba se destacando durante a leitura do livro de Patrícia Melo por meio da recepção do leitor, ao se deparar com um relato dentro de um relato e, mais ainda, pelo fato de um álbum de bebê acabar se transformando em um objeto permeado pela perversidade: uma espécie de diário das peripécias de um matador, que constrói uma narrativa incrustada em outra, narrando os

seus crimes, as vítimas e as motivações para a prática de uma forma de justiça bastante discutível, mas que permeia a nossa realidade cotidiana e que a ficção capta e reflete brilhantemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é um tema recorrente em obras literárias ao longo do tempo. Não é novidade alguma nos depararmos com textos que tratam sobre ações humanas perversas e seus efeitos. O livro *O matador* aborda uma trajetória de vida na qual a violência cotidiana, as injustiças sociais, a hipocrisia e a exploração de uma determinada parcela da população sobre a outra são abertamente apresentadas. Num mundo contemporâneo, no qual essas questões atingem a todos, uns mais que outros certamente, porém, todos de alguma maneira, poderíamos pensar que tal abordagem passaria despercebida por ser quase comum.

Entretanto, não é exatamente assim. A banalização da violência, a desvalorização da vida, especialmente a humana, felizmente ainda gera algum desconforto. É justamente nessa inquietação que o livro de Patrícia Melo nos atinge. A maneira como a trajetória do protagonista nos é apresentada, recheada de bestialidade, causa o incômodo necessário para uma reflexão, causa *estranhamento*, principalmente pelo fato de aliar um objeto destinado a perpetuar a vida, os feitos infantis, a ações perversas, ao crime e, em última instância, à esfera da violência.

A forma como a expectativa de futuro de um jovem é alterada por ações que, algumas vezes, independem de sua vontade ou vêm ao encontro de alguma necessidade ou desejo, patrocinados por uma sociedade de aparências, provoca inquietação nos leitores. Especialmente quando analisamos suas escolhas, que são responsáveis por traçar um caminho cruel e sem volta em sua vida.

A parte do texto na qual o “livro estranho” é feito pelo protagonista, que foi aqui analisada, demonstra a forma como a obra literária, acuradamente elaborada por Patrícia Melo, foi capaz de nos levar a refletir sobre seus múltiplos significados. Não somente a partir de uma interpretação subjetiva das ações do narrador, mas também observando a estrutura e a linguagem empregadas pela autora, que dão uma característica marcante ao texto.

Além disso, percebe-se uma leitura que possibilita um deslocamento de um lugar comum para um espaço de desconforto, o que faz com que cada encontro com esse material seja singular, não só no tocante ao desvio de funções do álbum infantil para uma narrativa de um criminoso, que reproduz e cola reportagens de seus crimes nele, mas também pelo fato de a sociedade avalizar e pactuar com o comportamento de justiceiros, que são frequentes na realidade do nosso país e que são retomados e reinventados no âmbito ficcional.

Muitas outras formas de abordar o livro *O matador* podem ser consideradas. Seja para observar os temas retratados seja ainda para analisar a estrutura textual propriamente dita, há ainda bastante a ser explorado. Em diversos outros momentos da obra, questões ímpares são relatadas de maneira peculiar e inquietante. O trecho analisado neste artigo, em especial, também permite uma pluralidade de interpretações. Essa espécie de metaliteratura ainda deixa espaço para muitos outros encontros que certamente patrocinarão um acréscimo de valor ao material literário concebido pela autora de *Acqua toffana*.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. (2008). **Poética**. Tradução: Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BARTHES, R. (2007). Literatura e metalinguagem. *In*: BARTHES, R. (2007). **Crítica e verdade**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, p. 27-30.
- BIOGRAFIA – Patrícia Melo. (2023). **Tiro de Letra**. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/biografia/Patricia-Melo.htm>. Acesso em: 02 set. 2023.
- BUARQUE, C. (1977). **Geni e o Zepelim**. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/obra/cancoes?Busca=geni+e+o+zepelim>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- CHKLÓVSKI, V. (1970). A Arte como Procedimento. *In*: EIKHENBAUM, B. *et al.* (1970). **Teoria da Literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, p. 39-56.
- COLI, J. (1995). **O que é Arte**. 15. ed., São Paulo: Editora Brasiliense.
- MELO, P. (2008). **O matador**. São Paulo: Companhia das Letras.
- RAMOS, W. F. (2019). A literatura no horizonte da perversão e da abjeção. *In*: SANTOS, Rosana Cristina Zanellato; BENATTI, A. R. (org.). **O lugar do abjeto: do perverso e do animal na historiografia e no cânone literário**. Pelotas: UFPel, p. 15-25.
- TODOROV, T. (2006). Os homens-narrativas. *In*: TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, p. 119-133.
- VAZ, V. (2023). *A arte como procedimento: 100 anos depois: em memória de Svetlana Boym*. **RUS**, São Paulo, v. 9, n. 12, p. 3-28. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2018.149992>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rus/article/view/149992>. Acesso em: 18 jun. 2023.

